

Apontamentos sobre crítica literária brasileira e meios digitais

*Bianca Ferraz Bitencourt**

RESUMO

Com o advento das novas tecnologias de comunicação, dentre elas, a Internet, muitas mudanças ocorreram nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. Essas mudanças alcançam também o plano da literatura e, conseqüentemente, as práticas de leitura e a crítica literária. Pretende-se, então, pensar em maneiras como as relações entre as obras literárias, os leitores e a crítica vêm se constituindo no meio digital. Para isso, considera-se importante não só apresentar dados acerca dos hábitos de leitura da população brasileira e do mercado editorial do país, mas também o caminho percorrido pela crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária; Internet; Leitura; Literatura

Introdução

A leitura consolidou-se como índice social importante para o reconhecimento do sujeito dentro da sociedade. Se, antes, a leitura era um processo exclusivo aos membros da elite, assistiu-se, a partir do século XX, no Brasil, a esforços para a alfabetização das camadas mais populares, tornando a leitura um processo acessível a um número maior de pessoas. Medidas como essa afetaram o mercado editorial do país de diferentes maneiras ao longo dos tempos. Este trabalho pretende pensar nas mudanças que a relação entre as obras literárias, os leitores e a crítica sofreu ao longo dos últimos anos e, a partir disso, promover apontamentos sobre essa área de estudos, que procura ainda caminhos para se consolidar como campo de pesquisa.

Com a chegada da era da informática, deve-se procurar, de acordo com Lévy (1993, p.7), novas maneiras de pensar e de conviver com o mundo das telecomunicações. A dimensão técnica, fundamental para as novas relações que se estabelecem a partir desse mundo digital, propicia questionamentos diversos a respeito

² Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. São Paulo. Brasil. biancaferraz3@yahoo.com.br

do futuro do homem e de suas interações sociais. A Internet consolidou-se como um meio complexo, servindo as mais diversas necessidades do sujeito, permitindo-lhe a interação com seus pares. Mesmo quando a distância entre eles é enorme, a interação ocorre através de bate-papos e chamadas em vídeo. Amplia o acesso a informações, pois se configura como um banco de dados provenientes dos mais diversos locais do planeta ou mesmo como objeto de lazer, oferecendo jogos e filmes, tudo a um clique de distância de seu usuário. No campo das linguagens, a Internet surgiu, inicialmente, como uma inimiga, que viria a diminuir ainda mais os índices de leitura, que, no caso do Brasil, já eram precários.

Essa concepção da Internet como uma vilã para a leitura e para a literatura causou rebuliço entre os intelectuais de todo o mundo. Houve aqueles que declararam o fim do livro impresso, uma vez que seria substituído pelas mídias digitais. Houve quem garantisse a superioridade incontestável da versão impressa, que, em sua materialidade, superaria as facilidades trazidas pelas versões digitais. A previsão do fim do livro impresso hoje se arrefeceu e, com isso, a busca pela compreensão das novas relações medidas pelas tecnologias do conhecimento deve ser retomada com fôlego. Não se trata, portanto, de impregnar as tecnologias anteriores, como é o caso do livro impresso, de valores culturais e negar o papel essencial que as novas tecnologias têm na definição das dinâmicas que regem a sociedade e constituem os sujeitos, mas de reconhecer que todas essas diferentes tecnologias estão integradas e cumprem seus papéis na sociedade contemporânea. Para Darnton (2010, p. 41), todas as tecnologias que se sobrepõem umas às outras sucessivamente apenas ressaltam o caráter de instabilidade da informação. É a partir dessa instabilidade que se deseja desenvolver as reflexões aqui propostas.

Este trabalho pretende refletir sobre a maneira como as tecnologias dialogam e se entremeiam no campo da crítica literária brasileira contemporânea. Para isso, considera-se importante retomar alguns momentos da história da crítica no país e analisar dados sobre os processos de leitura entre a população. A partir desse recorte, é possível questionar e (tentar) entender como a Internet se apropria da literatura e como a

crítica literária tenta sobreviver em meios tão distintos de seus originais. O objetivo deste trabalho consiste, então, em tecer considerações acerca das relações entre produção e recepção literária, envolvendo os processos de leitura e crítica mediados por novas tecnologias e plataformas.

1. O mercado editorial

O SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), em parceria com o Instituto de Pesquisa Nielsen, realiza, desde 2015, o *Painel de Vendas de Livros no Brasil*. Esse painel, disponibilizado para consultas através do link: <http://www.snel.org.br/levantamento-mensal/>, é atualizado mensalmente e compara a venda de livros no país em relação ao ano anterior. O levantamento é feito diretamente em livrarias e estabelecimentos com livros à venda. Os requisitos para ser incluído no painel como ponto de venda são: ser um ponto de venda passível de visitação regular, ser aberto ao público e ter como cliente principal pessoas físicas. Os dados levantados pelo painel mostram-se de grande interesse para os profissionais do mercado editorial, acompanhar a venda de volumes no país sob diversas perspectivas, como a dos gêneros (ficção, não ficção – especialista, não ficção – trade, infantil, juvenil e educacional) mais vendidos e seus respectivos preços médios em cada um dos períodos compreendidos pela pesquisa.

Outro fator interessante acerca do mercado editorial diz respeito ao aumento da quantidade de pequenas editoras, com publicações de baixas tiragens, que servem, muitas vezes, aos autores iniciantes que, devido às dificuldades de publicação nas grandes editoras, acabam optando por custear a publicação do próprio livro, fomentando esse novo segmento do mercado, que vem ganhando força nas últimas duas décadas. Esse fato é interessante também porque reforça a questão da facilidade de acesso não só à leitura, mas também à escrita, nos tempos contemporâneos.

Essas publicações em pequenas tiragens não garantem a permanência de um autor no círculo editorial, visto que, na maioria das vezes, é o próprio autor quem deve fazer ações de marketing e de divulgação de seu trabalho literário, além disso, a

distribuição em livrarias é mais escassa e os preços nem sempre são acessíveis, devido à impressão de poucos exemplares. Essas dificuldades tornam ainda mais árduo o caminho do escritor iniciante, que se vê à margem de autores publicados pelas grandes editoras, e não contam nem com ações midiáticas que promovam sua obra, nem com o abastecimento nas mais diversas redes de revenda de livros. Esses fatores, aliados à expansão do acesso à Internet no Brasil, podem explicar o aumento do número de autores que utilizam sites, blogs e outras plataformas digitais para divulgar suas produções literárias e alcançar possíveis leitores, estabelecendo com eles um contato mais direto e efetivo, proporcionado pelas ferramentas de comentários e mensagens disponíveis nos mais diversos ambientes digitais.

2. Leitura: hábitos e práticas

Para refletir sobre os hábitos de leitura no Brasil, tem-se um instrumento bastante interessante: a Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. A pesquisa conta com quatro edições concluídas, sendo elas referentes aos anos de 2001, 2007, 2011 e 2015. Apresentamos aqui algumas conclusões de cada uma das edições, com o intuito de acompanhar a constituição do processo de leitura ao longo dos primeiros anos do século XXI. Outro dado importante que as edições mais recentes da pesquisa trazem diz respeito ao uso da Internet como ferramenta de leitura.

A primeira edição da pesquisa, realizada em 2001, foi patrocinada pelo SNEL, pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), pela ABRELIVROS (Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares) e pela BRACELPA (Associação Brasileira de Celulose e Papel) e executada pelo instituto A. Franceschini Análise de Mercado. As conclusões dessa edição mostram que os estratos sociais mais elitizados, formados, sobretudo, pela classe A com instrução de nível superior, são os que possuem maior índices de leitura e de compra de livros. Concluiu-se também que as principais barreiras ao incremento da leitura no estrato médio da população dizem respeito, principalmente, a dois âmbitos: 1) acesso ao livro, dificultado pela baixa presença das bibliotecas e pelo baixo poder aquisitivo da população; e 2) comunicação e marketing, com a necessidade de se

investir em estratégias para modernização da imagem do livro, agregando traços de prazer à leitura e de campanhas de propaganda para lançamentos de títulos. Colocou-se também como desafio à indústria editorial a diminuição do preço de capa dos livros, com o objetivo de aproveitar melhor os amplos segmentos de baixa disponibilidade financeira, a exploração adequada do universo cultural mais restrito ao público jovem e de ensino médio e a ampliação dos canais de distribuição dos exemplares.

A segunda edição, realizada em 2007 e publicada em 2008 pelo IPL (Instituto Pró-Livro), contou com apoio do SNEL, da CBL e da ABRELIVROS, tendo sido executada pelo Instituto IBOPE. Os objetivos da segunda edição consistiam em diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, conhecer a percepção da leitura no imaginário coletivo, definir o perfil do leitor e do não leitor de livros, identificar as preferências dos leitores e avaliar os canais e as formas de acesso à leitura bem como as principais barreiras a isso. Com a ampliação dos objetivos e a mudança da metodologia, não é possível fazer uma análise comparativa em relação à edição de 2001, mas convém, ainda assim, relatar alguns dos resultados demonstrados pelo levantamento feito. Dentre os entrevistados, 35% declaram gostar de ler em seu tempo livre e a preferência cresce de acordo com a renda e com a escolaridade. Ainda são dificuldades para o estabelecimento da leitura como prática a baixa escolaridade e a renda, pois o não leitor se situa, em geral, na base da pirâmide social. Alguns indicadores dessa pesquisa revelam que mulheres leem mais do que homens tal como crianças e jovens leem mais do que adultos. A leitura cresce na proporção da escolaridade e do rendimento médio do indivíduo, bem como é maior entre a população que frequenta o ambiente escolar. Em relação às preferências dos leitores, 3% deles disseram optar pelos livros digitais, um número ainda pequeno, mas que tenderia a crescer nos anos subsequentes. A Internet se manifesta também nas formas de acesso ao livro: 7% dos leitores se utilizaram de *downloads* gratuitos na Internet.

A terceira edição da pesquisa, realizada em 2011 e publicada em 2012, foi feita pelo IBOPE e encomendada pelo IPL, mais uma vez com o apoio do SNEL, da CBL e da ABRELIVROS. Mantiveram-se os objetivos da edição anterior, acrescentando-se o

intuito de conhecer o impacto dos livros digitais entre leitores e não leitores. O acréscimo desse item aos objetivos da pesquisa revela como o potencial do digital estava já se mostrando e sendo objeto de atenção das agências e instituições que trabalham diretamente com o mercado livreiro. Os dados da edição de 2011, formados a partir de 5012 entrevistas, serviriam como um mapeamento mais recente e completo acerca dos hábitos de leitura dos brasileiros, fornecendo, assim, informações que poderiam ser utilizadas no planejamento de mercado e para o fomento de políticas públicas de incentivo à leitura. A pesquisa revelou que o número de brasileiros que lia em seu tempo livre caiu de 36% em 2007 para 28% em 2011 e que a maioria dos entrevistados (85%) dizia assistir TV em seus momentos de ócio. O acesso aos livros via Internet também foi um pouco menor: 6% dos leitores disseram ter utilizado esse recurso. O aspecto mais interessante dessa edição, entretanto, consiste em uma nova série de perguntas que foram feitas aos entrevistados sobre a relação deles com a Internet.

Os 5012 entrevistados responderam, primeiramente, sobre a frequência com que acessam a Internet. 18% deles respondeu que realizava o acesso diariamente, 15% algumas vezes na semana, mas a maioria (54%) afirmava não acessar a Internet. Os que disseram acessar a Internet foram questionados sobre o uso que faziam da rede e a maioria (58%) assinalou utilizá-la para entretenimento. 7% deles utilizou a rede para baixar ou ler livros. Foi perguntado também se eles acessavam redes sociais ou *blogs* sobre livros ou literatura, ao que 24% disseram que sim e 76% que não. Em relação aos *e-books*, foram feitas duas perguntas: se o sujeito já tinha ouvido falar desse termo, ao que 30% responderam que sim, 25% que não, mas gostariam de saber do que se tratava e 45% que não. A segunda pergunta era sobre a leitura de *e-books*. Houve um aumento expressivo no número de leitores: 18%, sendo que 17% leram através do computador e 1% através do celular. Ainda assim, a maioria (82%) disse nunca ter lido um *e-book*.

A edição mais recente, realizada em 2015 e publicada em 2016, realizada mais uma vez pelo IBOPE, a pedido da APL e com apoio do SNEL, da CBL e da ABRELIVROS, revelou que 56% dos brasileiros entrevistados são leitores. O acesso

aos livros através da Internet se manteve em 7%, mas, dessa vez, a porcentagem de entrevistados que disseram acessar a Internet saltou para 67% dos entrevistados. As atividades feitas pela Internet são, na maioria das vezes, comunicativas através de e-mails e aplicativos para troca de mensagens e fotos. Em relação aos livros digitais, foram feitas as mesmas perguntas da edição de 2011. Sobre o conhecimento acerca dos livros digitais, 41% disseram conhecer o termo, 7% não conhecem, mas se interessam e 52% nunca ouviu falar. O número de leitores de livros digitais também subiu, chegando a 26%, sendo que, dessa vez, a maior parte dos leitores utilizou seus celulares e *smartphones* para realizar a leitura. Apareceu também a utilização de *tablets*, *Ipads* e leitores digitais (*Kindle/Kobo*). Dentre os que leram livros digitais, 15% pagaram pelo *download*, 88% baixaram o livro gratuitamente e 2% não souberam responder. Os resultados dessa edição da pesquisa apontam para uma crescente influência do digital como mediador da prática de leitura. Além disso, notou-se que houve o aumento da escolaridade média da população e, com isso, o aumento da leitura.

3. Internet e literatura

Como já ilustrado anteriormente, a Internet vem se constituindo como um meio importante na definição das relações sociais contemporâneas. Essas relações são permeadas pelas mais diversas práticas, como a leitura e a escrita, por exemplo. Com o aumento do acesso à Internet no país e com a infinita variedade de assuntos que a Internet agrega, não é surpreendente que práticas literárias tenham migrado para o ambiente digital. A chamada *webliteratura*, surgida logo no início dos anos 2000, vem crescendo a cada ano, indicando um novo tipo de relação entre autor e leitor. A principal mudança nessa relação diz respeito à proximidade que leitor e autor adquirem no meio digital. É possível que o leitor interfira diretamente no processo criativo da obra, visto que, muitas vezes, os autores postam suas produções gradualmente, em capítulos, por exemplo. Com isso, a interação entre autor e leitor é maior e mais intensa, deixando de passar por mediadores que não o próprio meio digital. O aumento dessa superfície de contato influi diretamente em questões comerciais e que, conseqüentemente, afetam o

mercado. Mesmo quando os autores decidem publicar a obra digitalmente depois de concluída, muitos optam por ferramentas de publicação digital gratuitas, com baixo ou nenhum custo para o leitor.

Há também aqueles que utilizam as ferramentas do mundo digital como constituintes do processo criativo da obra literária. Com isso, impossibilitam que a obra em questão seja publicada na forma impressa tradicional, já que perdem muitos de seus recursos e particularidades. Nesse sentido, a apropriação da Internet pela literatura (e vice-versa) mostra-se um processo complexo de ressignificação daquilo que se considera literário ou artístico. É relevante destacar o que diz Abreu (2006, p. 41): “O conceito de *Literatura* foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente”. Isso significa que o conceito de literatura se relaciona intrinsecamente com o contexto histórico de sua produção e de sua circulação. É natural, portanto, que haja um período de estranhamento e mesmo de acirramento entre a imprensa livreira tradicional e as novas formas como a literatura se manifesta.

Em relação à crítica, pode-se perguntar: Qual é o espaço da crítica literária em um mundo altamente globalizado? Em quais veículos midiáticos esse tipo de crítica continuaria a existir? Ou estaria reclusa aos ambientes universitários?

4. Traços da crítica literária brasileira

Até o século XIX ou mesmo até meados do século XX, literatura e imprensa se confundiam. Isso se dava, pois o objeto livro ainda não era popular, eram os jornais que conferiam notoriedade e proporcionavam o sustento dos escritores. Como em relação simbiótica, a imprensa vivia da literatura, à medida que a publicava em larga escala, e a literatura vivia da imprensa, considerando que o periodismo empregava os literatos e escritores.

No século XX, entretanto, a imprensa passou por mudanças e, desde então, as colaborações literárias dentro dos jornais passaram a ser consideradas “matérias à parte”, pois o jornal não tinha mais interesse em ser – todo ele – literário. Essa

revolução, por assim dizer, se iniciou com o período de modernização das grandes cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, tendo coincidido, por exemplo, com a chamada *Belle Époque* carioca, em que as obras de Pereira Passos visavam a construção de uma metrópole nacional que poderia se equiparar às europeias. As reformas promovidas pelo prefeito mudaram as relações capitalistas e sociais presentes no Rio de Janeiro da época, local em que grande parte dos literatos se encontrava, e, com isso, a imprensa também sentiu necessidade de mudanças. Dessa forma, a literatura passou a aparecer em seções de crítica em rodapé, esboçando o que, mais tarde, seria chamado de suplemento literário.

Nas décadas seguintes, consolidou-se o que a Teoria Crítica chamou de cultura de massas. Em paralelo a isso, ocorre uma mudança no perfil da crítica literária no Brasil. De acordo com Sussekind (2003), entre os anos 1940 e 1950, havia a chamada “crítica de rodapé”, feita por bacharéis não especializados. Aos poucos, outro modelo de crítica ganha espaço: a universitária, ocasionando uma substituição do rodapé pela cátedra, ou seja, passando a palavra (e o poder) para aqueles com “aprendizado técnico”, os críticos-professores. Os anos 1960 e 1970 foram anos universitários, o que, no entanto, se tornou um autoconfinamento da crítica ao *campus* universitário, pois houve redução do espaço jornalístico destinado à crítica, culminando com a dificuldade de circulação dessa produção acadêmica. Mais tarde, nos anos 1980, com o crescimento do mercado editorial, estimulou-se uma nova ampliação do espaço para a literatura na imprensa, o que foi concomitante, entretanto, com o desestímulo à crítica literária mais atenta, justificado pela impulsão do livro (e da obra literária, conseqüentemente) como objeto mercadológico. Isso significa que o interesse da imprensa estava mais para divulgar livros para vendê-los do que para fazer uma análise deles. O espaço destinado para a literatura passou, então, a ser ocupado por resenhas e notícias, geralmente rasas, que propunham um tratamento comercial do livro.

A partir dessa esquematização proposta por Sússekind, pode-se perceber que a crítica literária, ao longo do século XX, passou por mudanças em sua estrutura e mesmo em sua relação com a grande imprensa. Entende-se a importância de verificar a maneira

como a crítica aparece nos cadernos da imprensa atual, bem como quais as relações que a literatura estabelece com os novos sentidos e perspectivas propostos pela dinâmica social contemporânea.

O processo de apagamento dos suplementos literários tradicionais e de ascensão dos chamados segundo-cadernos, que tratam de variedades em detrimento do caráter essencialmente literário dos primeiros, revela como a experiência social da imprensa se modificou e precisou assumir novos contornos, atendendo a demanda de uma quantidade de informações que chegam a todo o momento ao leitor. Além disso, há de se considerar que os avanços tecnológicos propiciaram o desenvolvimento das mais diversas mídias, como filmes, séries de TV e outros recursos exclusivos do meio digital. Há a necessidade de se abrir o espaço dedicado às artes mais tradicionais às mais recentes formas de lazer e entretenimento.

É diante desse cenário aparentemente conflituoso que se deve pensar o lugar da crítica literária na contemporaneidade. Como as mídias digitais podem ser aliadas da crítica tradicional, hoje restrita a poucas revistas que ainda sobrevivem no mercado cultural, e como o fazer crítico pode se reinventar e voltar a atrair o leitor médio. Essas são questões cujas respostas ainda não temos. No entanto, é possível pensar em alternativas para que a crítica literária resista e continue a cumprir seu papel mesmo com as mudanças técnicas sofridas pela esfera literária. O caminho para a permanência da crítica passa pela reinvenção e renovação dos processos de circulação e recepção das obras. É necessário abrir-se às possibilidades engendradas pelas novas tecnologias da informação e recebê-las com a mesma receptividade com que se fazem as críticas das obras do meio impresso. Mais do que isso, é necessário reconhecer que as obras digitais devem ser avaliadas por outros parâmetros além dos tradicionais, pois utiliza recursos próprios de seu meio e que, muitas vezes, não estão disponíveis para o meio impresso.

Conclusão

Sendo assim, conclui-se que as mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias devem ser estudadas e incorporadas às práticas sociais, nas quais se inclui a crítica

literária. Essa inclusão, no entanto, deve ser acompanhada de um olhar crítico a respeito das particularidades das produções advindas do meio digital. Deve-se levar em consideração que os recursos constitutivos de uma obra artística - não apenas literária –, produzida e ambientada a partir dessas tecnologias, possuem características diversas daquelas que nos são apresentadas como tradicionais. Por esse motivo, é necessário que o processo de conhecimento dessas obras seja cada vez mais incentivado, até mesmo como modo de obrigar a crítica a se reestabelecer como lugar de discussão, aceitando novas formas de construir uma poética, por exemplo.

Considera-se relevante ressaltar a importância dos meios digitais no que se refere à facilidade e ampliação do acesso à informação, configurando, assim, um processo de democratização da mídia, ao passo que os caminhos são traçados e alterados a qualquer momento pelos leitores. Com isso, revela-se também a necessidade de investimento nas práticas de letramento digital, que deve ser iniciado ainda na infância. O problema originário, portanto, não se refere apenas à questão da crítica literária, que aparece como um reflexo de questões anteriores. Trata-se de repensar o trabalho com a leitura e com a literatura no ensino básico e, assim, contribuir para a (re)constituição de um sistema literário efetivo. Se, de acordo com os dados colhidos pelas pesquisas apresentadas, o número de leitores vem aumentando no país, por que a crítica enfrenta um período de crise? A resposta não é única. Se, por um lado, a crítica canônica não se ocupa dos mesmos objetos de leitura apreciados pelo público em geral, por outro, a crítica se distanciou pelo seu academicismo. Tais preposições não podem ser consideradas totalmente falsas, mas também precisam ser colocadas ao lado de outros aspectos, como o surgimento de *blogs* e, mais recentemente, canais no *Youtube* que tratam da literatura de forma mais interativa, estabelecendo um contato mais direto com o leitor.

O nosso intuito não é apresentar uma proposta única e definitiva para a crítica literária brasileira, mas assinalar algumas possibilidades que podem ser trilhadas em busca de novas relações com o leitor e com as novas práticas sociais que vêm se estabelecendo no mundo contemporâneo.

Notes on Brazilian Literary Criticism and Digital Media

ABSTRACT

With the opening of new communication technologies, among them the Internet, many changes occurred in the social relations established among the subjects. These changes also reaches the literature plan and, consequently, of the literary criticism. It is intended thinking about manners how the relation among literary opus, the readers and the criticism have been constituted in digital mean. Therefore, it is considered important to present details about the reading habits of the Brazilian people and the publishing market of the country. It is also remarkable to consider the path traveled by the literary criticism.

KEY-WORDS: Literary Criticism; Internet; Reading; Literature.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- Painel de Vendas de Livros no Brasil*. Disponível em: <http://www.snel.org.br/levantamento-mensal/>. Acesso em: 15/07/2016.
- Retratos da leitura no Brasil*. Disponível em: <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/retratos-da-leitura-no-brasil/>. Acesso em: 22/07/2016.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papeis colados*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, pp. 15-36.